

SALMO 120: O LAMENTO DE UM PASTOR

MARGINALIZADO*

Tércio Machado Siqueira

Resumo

O Salmo 120 abre a coleção Cânticos das Subidas. Esta posição assinala o grau de importância desta composição. O gênero lamentação marcou a liturgia, particularmente, dos séculos VI e V aC. No caso do Salmo 120, o salmista é uma pessoa atormentada pela calúnia dos proprietários de ovelhas de duas localizações estrangeiras. Servindo como pastor, o salmista sente-se marginalizado pelos donos do gado. Sem forças para reagir contra as forças opressoras, o queixoso pontua a sua oração em três partes: “livra minha vida dos lábios mentirosos”; “Ai de mim!”; e “Eu sou paz”. Estas três expressões ajudam a revelar o caráter desse piedoso judeu que, em consequência da guerra, migrou para regiões vizinhas em busca de trabalho e subsistência.

Palavras-chave: *Cânticos das Subidas. Lamentação. Angústia. Guerra e paz.*

Psalm 120 opens the collection Songs of Ascents. This position indicates the degree of importance of this composition. The genre lament marked the liturgy, particularly of the 6th and V BC. In the case of Psalm 120, the psalmist is a person afflicted by the slander of the sheep owners of two foreign locations. Serving as a pastor, the psalmist feels himself marginalized by the owners of the cattle. Powerless to react against oppressive forces, the complainant points out his prayer in three parts: “free my life lips liars”; “Woe is me!”; and “I am peace”. These three expressions help to reveal the character of this pious Jew who, as a result of the war, migrated to neighboring regions in search of work and livelihood.

Keywords: *Songs of Ascents. Lamentation. Anguish. War and peace.*

* Dedico este estudo ao Frei Gilberto Gorgulho, competente, dedicado e zeloso pesquisador das Sagradas Escrituras.

A forma do Salmo 120

O Salmo 120 mostra, em sua estrutura literária, a forma de uma composição cujo gênero é lamentação. A razão desta observação encontra-se em dois detalhes: a forma com que esta composição se apresenta e, logicamente, a sua linguagem.

A forma literária deste salmo segue o padrão litúrgico das lamentações encontradas no saltério. O Salmo 120 inicia-se com uma invocação mais extensa e um pedido (v. 1b-2) onde o salmista revela toda a sua angústia. Nos versos 3-4, o aflito salmista ocupa-se com a maldição contra os seus violentos agressores, como única alternativa de defesa. Por fim, ele se queixa de viver num mundo sem respeito à vida cuja intenção maior é o conflito (v. 5-7). Como a lamentação, no Antigo Testamento, caracteriza-se pela esperança na ação libertadora de Javé, o salmista mostra toda sua fé na intervenção divina quando se dirige a Ele em oração queixosa.

Como se observa na linguagem deste salmo, o lamento é o gênero literário cujo lugar vivencial é o culto do período do exílio e pós-exílio babilônio. Numa exegese, é importante que valorize a análise literária, pois ela trará informações necessárias à compreensão do texto. O objetivo da crítica literária é estabelecer, no texto bíblico, a integridade e a natureza da composição da perícope em estudo.

Sendo assim, é fundamental colocar a teoria exegética em prática. Partindo do Salmo 120, encontramos uma realidade literária caracterizada pela linguagem do lamento. Aqui não se trata de um lamento fúnebre (Am 5,1-3) e nem de um murmúrio (Ex 15,24; 16,2; Nm 14,2). Diferente dessas queixas, o Salmo 120 mostra um grito de angústia, mas envolvido de esperança na resposta de Javé.

Sobre a data desta composição, constatamos que há várias indicações no texto deste salmo que sugerem que a origem deste texto aconteceu no período pós-exílio. Um dos fatores que permitem datar este salmo é o uso da palavra *śarah*, “angústia” (v. 1b). Durante o período imediatamente anterior à destruição de Jerusalém e o exílio, o termo “angústia” adquiriu contornos teológicos. Além disso, há outro fator histórico que contribui para datar o Salmo 120: trata-se do tema da confiança, fortemente presente no conteúdo desses salmos. Como um livro destinado a estimular o povo a confiar em Javé, é possível pensar, com forte possibilidade, que os salmos de lamento foram compostos e editados com a finalidade de fortalecer na fé uma comunidade sem consolo e desestruturada, primeiramente, pela violência dos babilônios e, mais tarde, sob dois outros impérios: persa e grego.

O lamento sempre existiu na história bíblica. Claus Westermann¹ reforça esta ideia dizendo que a lamentação já figura no Credo Histórico (Dt 26,5b-9). Todavia, foi após a destruição de Jerusalém e o exílio na Babilônia que o lamen-

1. WESTERMANN, Claus. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Paulinas, p. 144-151.

to assumiu um lugar central na liturgia do culto. Isto nos leva a afirmar que a liturgia, nesses dois períodos, foi, predominantemente, lamentação. Mesmo após a proclamação do edito de Ciro, declarando o fim do exílio (Esd 1,2-4; 6,3-5), o povo continuou expressando seu lamento através de quatro liturgias públicas acompanhadas de jejum: (a) o início do cerco a Jerusalém, no décimo mês; (b) a ruptura do muro, no quarto mês; (c) a destruição do Templo e do palácio, no quinto mês; e (d) o assassinato de Godolias, no sétimo (Zc 7,2-8; 8,18-19).

Todavia, o Salmo 120 não lamenta a perda da terra e a destruição de Jerusalém. Trata-se de um lamento individual por agressões sofridas em sua vida pessoal. A busca de reabilitação pelos javistas agredidos, de certa maneira, substituiu o lamento pessoal pela perda de Jerusalém. Afinal, o povo exilado estava retornando e reconstruindo a cidade e o Templo. Assim, a liturgia agrega mais um subgênero da lamentação.

A relação do Salmo 120 com a coleção *ma'alot*

O Salmo 120 abre esta coleção. Esta posição representa um lugar de importância na coleção. Ele é como a capa de um livro que sintetiza a mensagem e que revela a intenção da coleção. Qual, então, seria a função do Salmo 120, à frente desta coleção?

(1) Com muita probabilidade, os quinze salmos desta coleção não foram compostos para a peregrinação a Jerusalém. Eles foram tomados de outros contextos vivenciais e adaptados para serem cantados nos rituais de peregrinações a Jerusalém. Por exemplo, o Salmo 120 teve sua origem no lamento, um tema muito comum entre os que visitavam o Templo.

(2) Segundo Erhard S. Gerstenberger, os textos individuais são mais antigos que as peregrinações a Jerusalém². O processo de recolhimento, adaptação e editoração dos salmos da coleção *ma'alot* foi complexo. Esse trabalho foi realizado em torno do tema teológico que era mais adequado às necessidades da comunidade israelita, no período pós-exílico. Apesar do tema “confiança em Javé” marcar forte toda a coleção, é possível perceber que, individualmente, os salmos têm muito a ver com diferentes situações. O que os une é a instrução, aos peregrinos, para confiarem em Javé.

(3) A razão pela qual o Salmo 120 foi escolhido para abrir esta série de canções tem que ser buscada nos objetivos desta coleção. O verso 1b mostra o sentimento dentro da comunidade israelita que permaneceu na terra, e aquela que retornava da Babilônia: angústia e falta de esperança. A ordem para enfrentar essa situação adversa é confiar em Javé.

2. GERSTENBERGER, Erhard S. *Psalms, Part 2, and Lamentations*, p. 317-321.

(4) Uma das marcas literária e teológica da coleção *ma'alot* é o ponto de transição entre a exposição de problemas, enfrentado pela comunidade, e a fé na intervenção libertadora de Javé. No Salmo 120, a parte crítica encontra-se nos versos 1-4; os versos 5-7 indicam a solução para a crise (cf. Sl 121,2; 122,6; 123,3; 124,6; 125,4; 126,4; 127,3; 128,4; 129,4; 130,5; 131,3; 132,1b.6.11.13; 133,3; 134,3).

Comentário

O cabeçalho desta composição é comum a todos os salmos da coleção *ma'alot* (Sl 120–134). São quinze composições que são tituladas pela expressão *šir hama'alot*, “cântico das subidas”. A raiz verbal de *ma'alot* é *'lh*, que significa “subir”. Tecnicamente falando, *šir hama'alot* significa um “cântico das subidas”, sugerindo que estas canções eram entoadas durante a caminhada para as festas oficiais em Jerusalém.

A fórmula hebraica *šir hama'alot*, “cântico das subidas”, tem sua história. Muitos textos do Antigo Testamento usam o verbo *'alah*, “subir”, para descrever o encontro com Deus que mora no céu (Sl 139,8), no santuário (Sl 24,3), ou na montanha (Is 2,3). Nesse caso, o verbo tornou-se um termo técnico para a ação de peregrinar ou subir, particularmente, a Jerusalém. Portanto, não é difícil perceber que a expressão “cântico das subidas” tem a ver com a caminhada do povo para encontrar-se com Deus. No caso dos Salmos 120–134, o cabeçalho refere-se à celebração, em Jerusalém, já que muitos fatores históricos nos levam a esta conclusão.

Com a construção do Templo de Jerusalém, os muitos lugares de peregrinação, também chamados santuários, do povo israelita, perderam sua importância e interesse. Evidentemente, a preferência por Jerusalém cresceu, especialmente, a partir da reforma josiânica, em meados do século VII aC, quando o rei decretou a centralização do culto. Todavia, com a destruição do Templo, em 587 aC, a peregrinação passou por sua maior crise, mas com a reconstrução do Segundo Templo (515 aC), o interesse do povo se renovou. Por sua linguagem, referências históricas, e teologia, a coleção *šir lema'alot*, “canção das subidas”, é atribuída ao período pós-exílio.

Invocação e confiança do salmista: *A Javé, em minha angústia, eu gritei, e Ele me respondeu* (v.1b).

Nesta invocação, o salmista mostra o caráter de uma oração de lamento. Sua formulação é muito parecida com uma expressão de ação de graças, pois o salmista afirma que clamou por ajuda, e Javé o atendeu. Esta declaração tem muita semelhança com o lamento de Jonas (2,3). Tanto o salmista quanto Jonas usam os mesmos verbos nos mesmos tempos verbais: *qara'*, “gritar”, e *'anah*, “responder”, bem como o mesmo adjetivo para qualificar a situação de cada um

lamentador: *sarah*, “angústia”. O Salmo 40,2 desenvolve o mesmo sentido, no lamento, mas não repete os verbos com a mesma precisão. A dificuldade do queixoso tem na palavra *Sarah* a sua explicação. Jeremias compara o significado de *Sarah* com a dor do parto (Jr 6,24). Este termo tornou-se popular, nos períodos do exílio e do pós-exílio, para caracterizar a profunda dor do povo bíblico pela perda da terra, do rei, da cidade de Jerusalém e do Templo. Daí a conexão da palavra *sarah* com o verbo *qara’* (Sl 34,7.18; 50,15; 81,8; 86,7; 91,15; 102,3; 106,44; 116,3-4; 118,5; 120,1; 142,3). O que é significativo para o lamentador é a esperança da libertação a partir do grito dirigido a Javé.

Pedido: “Javé, livra, *našal*, minha vida, *nepeš*, dos lábios de mentira, *mis-sepat-šeqer*, da língua, *lašon* de falsidade, *remiyyah*” (v. 2).

O salmista declara o motivo de sua angústia. Esta situação agressiva é provocada pela palavra de “mentira”, *šeqer* e “enganosa”, *remiyyah*. Estes termos são usados para descrever a ação dos malfeitores contra ele. Aparentemente, mentira e fraude são crimes cometidos sem violência física, mas que causam grandes prejuízos à pessoa e à comunidade. Esta postura é veementemente condenada pelos princípios que regem a vida social, política e econômica de Israel (Sl 17,1; 24,4). Este dano já é previsto no princípio popular da convivência humana: “Em minha casa não habitará quem pratica fraudes, *remiyyah*; o que fala mentira, *šeqer*, não permanecerá diante dos meus olhos” (Sl 101,7). Porém, é preciso observar que o lamento do Salmo 120 vai além da mentira e falsidade: ele inclui a violência causada em Mesec e Quedar? Definitivamente, não podemos analisar o pedido do salmista (v. 2) sem se referir aos versos 4 e 5. Como se vê, o pedido do salmista para que o liberte dos que proferem mentira e agem com falsidade descreve parte do problema do salmista. Certamente, a mentira e a falsidade fazem parte da agressão sofrida pelo queixoso.

Contestação e maldição (v. 3-4): “O que dará, *natan*, para ti, e o que te acrescentará, *yasap*, ó língua de falsidade? Flechas, *hes*, de guerreiro, *gibor*, afiadas, *šanan*, com brasas, *gaḥal*, de giesta, *rotem*” (v. 3-4).

O grito angustiado do salmista revela que há um problema a mais na comunidade em que vive o salmista. O apego à verdade tem trazido dificuldades para o salmista. O verso 4 acrescenta outro detalhe que lhe tem trazido o sentimento de marginalização dentro da comunidade em que vive e trabalha. Os versos 3-4 revelam a real razão pela qual o angustiado salmista expõe o seu lamento diante de Javé. Ele demonstra não ter suficientes forças para reagir e enfrentar o poder de seus opressores.

Por esta razão, o salmista faz uso dos instrumentos de reação que os lamentadores, no culto, dispõem; a saber, a contestação, o desafio aos oponentes e, por fim, o pedido pela maldição (v. 3-4). Embora nenhuma das palavras, para maldição, esteja presente no texto, esta é uma prática comum nos salmos de lamentação (Sl 5,11; 35,4-8.19.25-26; 69,23-29; 109,6-20.27-29). No âmbito dos tribunais

jurídicos, a maldição é um instrumento perfeitamente legal (Dt 27,15-26). Na liturgia do lamento, a maldição se justifica, porque ela é a única alternativa para uma pessoa agredida se safar da violência do agressor. Esta reação não está fora dos padrões teológicos do Antigo Testamento, pois a noção de que Deus é o vingador do povo oprimido está presente nos hinos do culto (Sl 94,1; 99,8; Na 1,2), e que a vingança pertence somente a Ele (Nm 31,3; Jr 11,20; 20,12; Ez 25,14; cf. Rm 12,19). Assim, a vingança divina está ligada ao praguejamento, muito presente nos salmos de lamentação (Sl 12,3).

A forma com que o verso 3 se apresenta sugere que o lamentador e os seus adversários estavam presentes no culto. Depois de expor toda a sua dor e a origem de sua angústia, o salmista levanta duas questões retóricas que, provavelmente, têm a intenção de preparar os adversários para a disciplina divina. Schökel-Carniti³ afirma que, ao pedir o castigo aos culpados, o salmista usa uma fórmula de juramento imprecatório: “O que dará para ti e o que te acrescentará, ó língua de engano?” (v. 3; cf. 1Sm 3,17; 14,44; 20,13; 25,22; Rt 1,17). No Salmo 120, as questões destinam-se a preparar os adversários para a disciplina divina, e esta vem através das “flechas de guerreiro afiadas com brasas de giesta” (v. 4). Esta é a resposta à pergunta colocada no verso 3.

O castigo por meio de flechas incendiárias é uma arma mortífera mais identificada com a lei do talião (cf. Ex 21,24). O Antigo Testamento mostra que havia diferentes armas usadas pelos combatentes envolvidos em um conflito. O arco e a flecha eram armas comuns aos nômades (Gn 21,20), caçadores (Gn 27,3) e soldados (Is 13,18). Todavia, o salmista não tem a intenção de se referir às armas de guerra, mas instrumentos de disciplina e julgamento. A expressão, “afiadas com brasas de giesta”, qualifica a ação da flecha, tornando-a mais eficiente e dolorida. O termo hebraico *rotem* é traduzido por *giesta* ou *junípero* (1Rs 19,4; Jó 30,4). Trata-se de um arbusto da região semideserta, cuja raiz e galho eram usados como combustível. O galho e a raiz de um *rotem* mantinham-se incandescidos por longo tempo. Eles permaneciam candentes, em intenso calor, por um tempo prolongado, possibilitando uma disciplina mais dolorida.

Além disso, as raízes desse arbusto eram venenosas. Conseqüentemente, as flechas de giesta eram duplamente ofensivas ao ser humano. O verso 4 diz que essas flechas são afiadas e incandescidas por Javé para disciplinar os adversários do salmista, como sugere a lei do talião (conforme o Salmo 64). A exemplo de 2Rs 19,4-5, o termo *rotem*, “giesta”, sugere disciplina. Assim, o salmista não se refere a um castigo mortífero, mas um ato disciplinar. Não é esta a intenção do salmista no verso 7?

A queixa do salmista: “Ai, *'oyah*, de mim! Eis que! sou estrangeiro, *ger*, de Mesec; moro, *šakan*, com as tendas, *'ohel*, de Quedar. Muito, minha pessoa mora, *šakan*, com o que odeia, *sana*, a paz, *šalom*” (v. 5-6).

3. SCHÖKEL, L.A.; CARNITI, C. *Salmos II*, p. 1454-1458.

Nos versos 5-6, o salmista revela, por inteiro, a sua identidade. Ele diz estar exilado em Mesec e abrigado nas tendas de Quedar. A localização de Mesec é o noroeste da Ásia Menor, no extremo noroeste da Ásia Menor, entre o Mar Negro e o Mar Cáspio. Enquanto isso, Quedar situa-se no sudeste da Península Arábica⁴. Portanto, essas duas localidades encontram-se distantes uma da outra, sugerindo que seria praticamente impossível um peregrino ter morado nesses dois lugares⁵. Como se vê, a interpretação deste texto é difícil. De um lado, intérpretes entendem que este salmo é individual⁶. Todavia, intérpretes como Milton Schwantes entende que o Salmo 120 é uma produção coletiva⁷. A autoria vem dos trabalhadores e trabalhadoras israelitas que serviram, como estrangeiros/as, nas localidades de Mesec e Quedar. A expressão “moro com as tendas” (v. 5b) sugere que os autores se ocupavam com o pastoreio das ovelhas, em Quedar e Mesec.

A interpretação individual justifica o uso da expressão de lamento, *'oyah-li*, “ai de mim” (v. 5a). A expressão “moro com as tendas” (v. 5b) sugere que os autores se ocupavam com o pastoreio das ovelhas, em Quedar e Mesec. O grito *'oyah-li*, “ai de mim” (v. 5a) pode elucidar a confusa questão da autoria deste salmo. Esta dor provocou-lhe(s) o grito angustioso declarado no início da oração de lamento (v. 1b). Este grito é gerado pela mentira e pela falsidade dos moradores e proprietários de gado menor, para quem o(s) salmista(s) servia(m) na condição de estrangeiro(s).

As frases “sou estrangeiro em Mesec; moro com as tendas de Quedar” (v. 5) revelam a condição de trabalho do(s) salmista(s). A ocorrência da palavra “tenda”, *'ohel*, sugere que ele(s) vivia(m) do salário de pastor de ovelhas. Pelo lamento contido no salmo, podemos deduzir que os proprietários de ovelhas lhe(s) explorava(m) seus serviços. Lendo o salmo, nesta perspectiva, podemos entender a gravidade das expressões: “em minha angústia (v.1b), livra minha vida dos lábios de mentira, da língua de falsidade (v. 2), Ai de mim!” (v. 5a). Provavelmente, os proprietários de rebanho os tratavam como escravos. Na verdade, o estrangeiro não desfrutava das mesmas regalias dos filhos da terra. Isto nos faz lembrar os hebreus no Egito, no tempo de Moisés.

Declaração de fé: “Eu (sou) paz! – e eis que falo – eles (são) para a guerra” (v. 7).

A forma poética hebraica se destaca, no verso 7 e ilumina a teologia desta composição. Para entender a afirmação de fé exposta neste verso é preciso ler

4. AHARONI, Y.; AVI-YONAH, M.; ZE'EV SAFRAI, A.F. Rainey. *Atlas Bíblico*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999, p. 13 e 89.

5. ALTER, Robert. *The Book of Psalms*. New York/London: W.W. Norton & Company, 2007, p. 436.

6. SCHÖKEL, L.A.; CARNITI, C. *Salmos II*, p. 1454-1458.

7. SCHWANTES, Milton. *Salmos da Vida a caminho da justiça*, São Leopoldo: Oikos Editora, 2012, p. 200.

todo salmo 120 onde traça o perfil do autor ou autores. Apesar de ser tratado como estranho e marginal, ele(s) não reage(m) com ódio, desejando e sugerindo uma ação bélica contra os seus agressores.

Os defensores da teoria que este lamento é individual ganham força na declaração final: “Eu (sou) paz!” O pronome *'ani*, “eu”, reforça a ideia que alguém está por trás deste lamento, embora isto fica sugerido nas expressões: “em minha angústia gritei e me respondeu (v. 1); livra minha vida (v. 2a), Ai de mim!... sou estrangeiro... moro com as tendas... (v. 5) e minha pessoa mora” (v. 6). Todavia, a questão da autoria não é determinante na comunicação desta composição. A intenção deste salmo é reforçar a teologia da paz. Os povos dessas duas localidades são vistos, pelo salmista, como bárbaros, familiarizados com a violência e hostilidade. A confrontação que o(s) salmista(s) quer(em) empreender está no nível da palavra e não nos atos de guerra: “Eu sou paz, e eis o que eu falo. Eles são pela guerra” (v. 7).

A declaração do salmista, “Eu sou da paz”, é antecipada ao se denominar um *ger*, isto é, um estrangeiro e peregrino pacífico, em terras longínquas (v. 5). Ao contrário dele, os adversários odeiam a paz, enfim, “eles (são) para a guerra” (v. 7b).

Este paralelismo faz parte da poesia hebraica. Ele é conhecido como paralelismo antitético, pois as duas afirmações contrastam. Em suas aulas, Milton Schwantes preferia caracterizar estas duas frases como repetição, para reforço do argumento. A primeira, “Eu sou paz” (v. 7a), é um protesto de inocência contra pessoas de sua comunidade que falsamente o acusam. O salmista poderia defender-se de diferentes formas: *Eu sou íntegro* (Jó 9,21) ou declarando e jurando inocência (1Sm 12,3-5; Sl 7,4-6). Contudo, ele prefere protestar, afirmando que é uma pessoa que constrói a vida boa na comunidade.

É importante observar que a linguagem do verso 7 tem seu lugar vivencial na corte. O salmista faz uso dessa linguagem jurídica e a leva para o culto. A acusação, *Eles são pela guerra* (v. 7c), é dirigida contra os que falam falsamente sobre a pessoa do salmista.

Notas conclusivas

Deixa de ser fundamental para o entendimento da intenção deste salmo a discussão sobre a autoria. Certamente, este esforço desviaria a atenção sobre três pontos que dão sentido e importância ao Salmo 120.

(1) A escolha deste salmo e a sua inclusão na série “Canção das subidas” é um detalhe que o distingue sobremaneira. Porém, a sua posição como cabeça desta coleção (Sl 120–134) realça a importância e a qualidade que a exegese precisa descobrir. No Antigo Testamento, a posição de um livro no cânon não pertence

à escolha informal. A ordem deve ser vista a partir do conceito de *re'shit*, “primícias”, isto é, o melhor entre os quinze salmos da coleção “Canção das subidas”.

(2) A lamentação possui, no Antigo Testamento, uma riqueza de sentido que caracteriza as quarenta composições desse gênero no livro de Salmos. O lamento não é um murmúrio, mas é um grito cheio de esperança. O Salmo 120 possui esta qualidade quando grita com confiança (v. 1b).

(3) O alvo deste salmo é afirmar e proclamar a teologia da paz num momento em que a violência e a hostilidade contra o estrangeiro eram uma realidade. O salmo registra que há hostilidade, por parte dos proprietários de gado, em Mesec e Quedar. Apesar disso, o(s) salmista(s) acredita(m) na paz, embora as experiências de vida desfrutadas por ele(s) são adversas e cruéis. Todavia, a mensagem que o Salmo quer transmitir é a paz, muito embora a prática comum de sobrevivência fosse a hostilidade.

Tércio Machado Siqueira
Universidade Metodista de São Paulo